

A CASA UNIFAMILAR EM CAXIAS DO SUL 1940-70: SOMOS MODERNOS?

Ana Elisia da Costa

Universidade de Caxias do Sul, Professora e Pesquisadora

ana_elisia_costa@hotmail.com.br

Daniela Mendes Cidade

Doutoranda, Universidade de Caxias do Sul, Professora e Pesquisadora

danicidade@yahoo.com.br

Erinton Aver Moraes

Mestrando, Universidade de Caxias do Sul, Professor e Pesquisador

erinton@uol.com.br

O estudo tem como tema a habitação, especificamente a casa unifamiliar. Em se tratando do universo modernista, o tema tem especial significado no contexto brasileiro, pois representa um espaço de avanços programáticos em relação ao período anterior e de interpretação local do Movimento Moderno. No entanto, no âmbito brasileiro, existe uma quantidade enorme de edificações residenciais modernistas ainda não estudadas, merecedoras de atenção, tanto pelos seus valores projetuais, quanto patrimoniais. Diante disso, são estudadas quatorze casas construídas em Caxias do Sul, de 1940 a 1970. Concebidas para uma elite, geralmente estavam localizadas na proximidade de parques, influenciadas pela experiência americana da cidade-jardim. Trata-se de edifícios relevantes no contexto caxiense, mas completamente anônimos à cultura oficial e que vem sendo gradativamente destruídos pela especulação imobiliária. Assim, o estudo objetiva inventariar e analisar a casa unifamiliar modernista em Caxias do Sul. Este estudo segue a metodologia proposta pela pesquisa intitulada *Inventário da Arquitetura Modernista na Serra Gaúcha*, destacando os aspectos organizativos, ordenativos e tecnológicos dos edifícios. Inicialmente, de modo a subsidiar essa análise, aborda as estratégias compositivas recorrentes no modernismo e sua relação com a experiência residencial modernista brasileira. Também faz uma breve contextualização do programa residencial unifamiliar caxiense, a fim de diagnosticar aspectos sedimentados, hibridizados ou transformados ao longo do tempo. Por fim, em caráter conclusivo, a produção caxiense é confrontada com a produção brasileira e mundial.

Palavras-Chave: modernismo, habitação unifamiliar, Caxias do Sul

This paper is about housing, especially the one-family house. Concerning to modernist universe, this subject has a special meaning in Brazilian context, representing a space of programming advances and of local interpretation of Modern Movement. In Brazil, there is a

huge number of modern residential buildings not studied yet, deserving attention, as much for their architectural values as for their patrimonial values. Due that, fourteen houses built in Caxias do Sul from 1940 to 1970 are studied. Conceived for high-class people, these houses used to take place next to parks, being influenced by town-garden American experiment. They are relevant buildings in Caxias do Sul context but anonymous for official culture and they have been gradually destroyed by commercial interest. So, this study aims to make the inventory and to analyze such houses. It follows the method proposed by the research *Inventário da Arquitetura Modernista na Serra Gaúcha*, detaching organizative, ordenative and technological aspects of the buildings. At first, to subsidize this analysis, it broaches the compositive strategies of modernism and its relationship with Brazilian modernist residential experiment. It also makes a brief contextualization of residential program in Caxias do Sul, in order to diagnose consolidated, hybridized and transformed aspects through out the times. At last, to conclude it, this production is faced to the world and Brazilian one.

Key-words: modernism, one-family house, Caxias do Sul

APRESENTAÇÃO

Segundo Ignásio di SOLÁ-MORALES (1996), a habitação, especialmente a casa unifamiliar, é um dos grandes temas arquitetônicos do século XX, um dos lugares privilegiados para a experimentação das possibilidades e inovações arquitetônicas.

No que se refere ao universo residencial modernista, as experimentações projetuais foram muito significativas no contexto cultural brasileiro. Segundo VERÍSSIMO e BITTAR (1999), as modificações percebidas em quinhentos anos de casa brasileira, ora sutis ou mais profundas, são mais evidentes a partir da modernidade da década de 50. Por outro lado, como afirmam COMAS e ADRIÀ (2003), muitas das residências modernistas brasileiras são modelos racionalistas que interpretam, desde parâmetros locais, as chaves do Movimento Moderno e da tradição. São referências obrigatórias às gerações posteriores de arquitetos.

Assim, o estudo desse tema, tanto pelas possibilidades de inovações, como pelas possibilidades de emprego de soluções “eficientes”, sedimentadas ao longo do tempo, tem uma relevância de ordem prática, uma vez que pode subsidiar e qualificar o desenvolvimento de novos estudos e projetos.

Há ainda uma relevância de ordem histórica, pois, no âmbito brasileiro, existe uma quantidade enorme de edifícios residenciais modernistas ainda não estudados. Muitas vezes compõem aquilo que SEGAWA (1999) chama de “modernidade pragmática”, uma modernidade difusa, uma vontade de expressar idéias “novas”, e não necessariamente uma doutrina. Contudo, isso não significa necessariamente que represente uma modernidade menor, mas transitória. Uma modernidade merecedora de estudo, afirma Lourenço:

A história da arte contemporânea no Brasil somente poderá ser escrita de forma abrangente quando todas as regiões do país tiverem sido cobertas por levantamentos que se constituirão em subsídios para ela. Até lá, ficaremos permanentemente nos surpreendendo com dados novos que surgem sob nossas vistas, às vezes de forma inesperada. (Lourenço, 1995, p.97)

Objeto de Estudo

Neste ensaio são estudadas casas desenvolvidas em Caxias do Sul de 1940 a 1970, período coincidente com a consolidação de um repertório de gosto modernista. São casas construídas para uma classe de maior poder aquisitivo, ou ainda, de acordo com o contexto latino-americano, “clientes sensíveis às trocas de costumes e a inovação da vida doméstica” (COMAS e ADRIÀ, 2003). Geralmente, estão localizadas na proximidade dos novos parques, influenciadas pela experiência americana da cidade-jardim.

O objeto de estudo trata de edifícios relevantes no contexto caxiense, mas completamente anônimos à cultura oficial, à historiografia da arquitetura moderna. Por outro lado, esse acervo vem sendo gradativamente destruído pelo ímpeto especulativo de erguer novas construções e talvez pela falta de clareza do seu valor arquitetônico e social.

Assim, o estudo se justifica pela possibilidade de ampliação desse campo de conhecimento específico e, ainda, do campo de conhecimento patrimonial de Caxias do Sul, que até então tem ignorado esses edifícios como parte dos seus bens dignos de preservação.

Objetivo

A partir do exposto, define-se como objetivos desse estudo:

- Inventariar a Arquitetura Modernista em Caxias do Sul, mais especificamente suas residências unifamiliares, ampliando seu campo de conhecimento patrimonial;
- Analisar esse acervo, destacando suas especificidades diante da produção brasileira e mundial;

Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, é feita uma análise tipológica dos edifícios, destacando seus aspectos organizativos, ordenativos e tecnológicos, segundo metodologia proposta pela pesquisa intitulada *Inventário da Arquitetura Modernista na Serra Gaúcha*¹ que investiga a arquitetura modernista na Serra Gaúcha (COSTA, CIDADE e MORAES, 2003).

De modo a subsidiar essa análise, é realizada inicialmente uma apresentação dos preceitos modernistas onde são abordadas as estratégias compositivas recorrentes no modernismo e sua relação com a experiência residencial modernista brasileira. Em seguida, faz-se uma contextualização do programa residencial unifamiliar caxiense, de forma a permitir o diagnóstico de aspectos compositivos sedimentados, hibridizados ou transformados ao longo do tempo, pois, como discutem COMAS e ADRIÀ (2003, p. 28) “La casa se convierte en una demostración de la actitud del arquitecto ante al lugar, lo vernáculo y la modernidad”.

Na seqüência, são apresentadas e analisadas quatorze casas. Por fim, a produção caxiense é confrontada com a produção brasileira e mundial, de modo a identificar constâncias e excepcionalidades da casa modernista em Caxias do Sul.

1. PRECEITOS DA MODERNIDADE

1.1. Estratégias Compositivas Modernistas e o Espaço Residencial Brasileiro

Nesta etapa são sistematizadas possíveis variáveis, específicas do programa residencial modernista, que possam auxiliar no desenvolvimento da análise proposta. Essa sistematização é organizada em três partes: aspectos organizativos, ordenativos e tecnológicos.

1.1.1. Aspectos organizativos

¹ Compõem o grupo, os pesquisadores Ana Elísea da Costa, Daniela Mendes Cidade e Erinton Aver Moraes, e os bolsistas em duas modalidades: como bolsa de iniciação científica e como estagiário. Como bolsistas de iniciação científica, cita-se: Camila Giradi, Carolina Wolff, Kátia Bortoli, Giselle Batistel, Luciane Piovesan, Cristiane Pasa, Raquel Cabral, Ingrid Eberle, Terezinha Buchebaun. Como estagiários, vinculados à disciplina Laboratório de Arquitetura e Urbanismo: Andressa Barroso, Luiz Fabiano Kruwer; Patrícia Marin; Liengrid Cagol.

A discussão do tema residencial começa pela relação programa e dimensionamento. As propostas modernas que buscavam construções rápidas e em quantidade exigiam, além da renovação dos processos construtivos, novas dinâmicas dos espaços internos da moradia, “outra forma de viver”:

[...] Viver de outra maneira, ou seja, que cada habitante tenha seu próprio quarto ‘não importa quão pequeno’, dirá Groupius; que a cozinha seja concebida de maneira a simplificar ao máximo o trabalho doméstico e que a mobília, enfim, não imite o mobiliário burguês, mas seja, ao contrário, concebida em função de uma manutenção simples, de condições de vida higiênicas e de um preço baixo. (KOOOP apud FOLZ, 2003, p. 41)

É desse processo que decorrem os inúmeros estudos de dimensionamentos, procurando chegar ao mínimo necessário para uma habitação digna. Contudo, segundo COMAS e ADRIÀ (2003), ao contrário dos ensaios de *existenz minimum*, as casas latino-americanas são grandes, não renunciado às vantagens da tradição, nem ao conforto da modernidade.

Setorização

O conceito de racionalidade se materializa também na setorização dos ambientes conforme suas funções – social, íntimo e serviços – e ainda, na flexibilização dos espaços. No que se refere ao zoneamento, no *setor social*, o conceito da planta livre ou flexível influenciou a concepção de integração dos diversos ambientes. Já o conceito de casa como “máquina de morar” aproximou os setores social e de serviços, às vezes ligando sala diretamente à cozinha. No caso específico do Brasil, deve-se mencionar duas transformações culturais que vão ter implicações diretas sobre o arranjo desse setor – na década de 60, a presença da garagem, vista da rua, pois o carro é símbolo de ascensão social e, na década de 70, a televisão que vai ocupar lugar de destaque na sala ou receber uma sala específica (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999).

No *setor de serviços*, a cozinha sofreu grandes transformações no seu tamanho, no agenciamento dos equipamentos, e ainda, na implantação em relação à casa. No caso brasileiro, a cozinha precisou ser otimizada com novos equipamentos quando o papel social da mulher foi transformado, passando a acumular o trabalho doméstico e o profissional. Quanto ao seu arranjo espacial, a cozinha manteve-se próxima aos quintais, no fundo da casa, porém com acesso ao jantar ou à copa. Com a influência americana, nos anos 40 e 50, observam-se tentativas de incorporar sala e cozinha, como nos filmes de Hollywood.

Ainda nesse setor, outra característica especificamente brasileira é a presença do alojamento de empregados, herança da cultura de morar do período escravagista, em que a casa era dividida em casa-grande e senzala ou alojamento de empregados. É recorrente o aparecimento de apartamentos de serviços contíguos ou sobrepostos às garagens.

No *setor íntimo* brasileiro, só a partir da década de 50, observa-se a consolidação de uma zona compacta e independente do setor social, com quartos e banheiro. Na década de 60, observa-se também o surgimento da suíte, composta por quarto, banho e pequena saleta.

Merecem menção experiências brasileiras em que a disposição do zoneamento no terreno é repensada, como a Casa Canoas (1953) de Niemeyer, com o setor íntimo no subsolo, e inúmeros projetos de Rino Levy, em que o setor de serviço desloca-se para a parte frontal da casa, de modo a criar um setor social voltado para pátio interno (GONSALES, 2001). Estratégia similar é usada por Reidy na casa de Carmen Portinho (1950-52), com garagem e serviços situados no nível de entrada, enquanto o setor social, a cozinha e os quartos ficam em outro bloco, erguido sobre pilotis. Ou ainda, a casa de Bernardes (1960-61), em que o andar superior abriga o estar e, no inferior, estão: escritório, estar íntimo e quartos.

Circulação e acessos

No programa residencial uma das variáveis mais importantes é a posição dos acessos (de pedestre e de veículos) e das circulações (horizontal e vertical), condicionando a resolução de todo o programa no que se refere à acessibilidade e privacidade.

No Movimento Moderno, observam-se duas concepções de distribuição opostas: a concepção funcionalista-mecânica que sugere uma linha circulatória, conduzindo a lugares privados; e a concepção de continuidade espacial, florescida a partir da década de 20, onde os limites espaciais interiores e exteriores são indicações de um parcelamento. Na primeira, observa-se que há uma prefiguração do partido, determinado pelo organograma. No segundo, os elementos de composição não possuem localizações dentro dos espaços totais. MARTINEZ (2000, p.173) propõe o estudo deste tema através de algumas categorias:

Continuidade espacial, como transparência da continuidade visual com o exterior.

Continuidade e compartimentação, divisão do programa em uma parte espacialmente contínua, como imagem da modernidade, e em outra tradicionalmente compartimentada que respeita a privacidade.

Continuidade vertical, aceitação da continuidade espacial moderna, tolerando seus inconvenientes funcionais. Essa continuidade materializa-se em pés-direito duplos, com mezaninos.

Monumentalização da circulação, caráter naturalmente contínuo das circulações para nela concentrar os efeitos de continuidade espacial, mantendo os demais espaços utilmente compartimentados. Em casos extremos, os espaços de circulação, conceitualmente secundários, são monumentalizados, e os espaços principais, aqueles habitados, em secundários.

Manutenção da compartimentação espacial real, porém criando a ilusão de continuidade “contemporânea”. Uso de espelhos e outros recursos para duplicar os limites.

Abandono direto de um desses ideais, a continuidade espacial, aceitando a compartimentação como uma necessidade prática.

Como exemplo da continuidade e compartimentação, merece menção o projeto de Niemeyer para Oswald de Andrade (1939). No térreo, trata-se de um espaço contínuo, onde apenas uma parede delimita estar, jantar, cozinha e garagem. No segundo pavimento, os dois quartos são divididos por armários e banheiro. Esta casa, e ainda a Casa da Lagoa (1942), ilustram o conceito de continuidade vertical, com seus mezaninos.

Relação da edificação com o terreno

É do conceito de zoneamento que deriva o grande uso de composições aditivas ou decompostas no modernismo, ou seja, composições em que cada bloco organiza um setor da casa, contemplando “a necessidade de diminuir o impacto de um programa com área muito grande sobre o seu contexto; a intenção de integrar o edifício com o espaço aberto circundante ou com o contexto urbano; ou ainda a necessidade de manifestar, no volume, os diversos componentes do programa” (MAHFUZ, 1995, p. 134).

Ainda segundo COMAS e ADRIÀ (2003, p. 33), essencialmente há três atitudes distintas dos arquitetos modernistas em relação ao terreno:

La **casa cerrada** – ocupa prácticamente la totalidad del terreno o encierra a éste por algunos de sus límites, y se abre hacia su interior. En muchos casos se trata de casas urbanas que desarrollan el volumen edificado alrededor o al lado de un patio al que se vuelcan. Estas residencias trazan los límites de sus predios, y generan unos paisajes exteriores nuevos dentro de los espacios construidos (...)

La **casa abierta** sobrepone la artificialidad y la autonomía formal a la topografía y a los límites del terreno, atendiendo solo a la orientación solar o al acceso, a la vez que pone de relieve su carácter centrífugo y expansivo, así como su relación con los árboles, las vistas y la topografía

La **casa-paisaje** se funde con el lugar, y su influencia es totalmente definitoria en la gestación del proyecto. Su morfología nace de las propias leyes de la topografía, aceptando formas libres, ambigüedad entre interior e exterior y graduación de zonas intermediais (...)

No que se refere ao universo residencial brasileiro, até meados da década de 40, as inovações na forma da moradia se restringiram aos modos de ocupação do lote – uso dos recuos laterais e frontais e incorporação de jardins nas casas térreas (LEMOS, 1996).

No entanto, nas décadas posteriores os partidos decompostos e o uso do *pilotis* começam a ser registrados. São exemplares os projetos de Rino Levy, com seus partidos em “T” (GONSALES, 2001) ou de Sérgio Bernardes, em “L”. Entre as casas com uso do pilotis, destacam-se: “sem dono” (1932-36) de Lúcio Costa; na Lagoa (1942) de Niemeyer; “de vidro” (1949-51), de Lina Bo Bardi; de Carmen Coutinho (1950-52) e de Itaipava (1957), ambas de Reidy; e ainda, a Casa de Villanova Artigas (1949). A partir de 1950, é importante observar o emprego inovador dos pilotis em V e W de Oscar Niemeyer, diminuindo o número de apoios e permitindo a melhor utilização da superfície coberta (BRUAND, 1991).

Observa-se também que a *casa cerrada* ou em pátio foi uma solução muito freqüente nos universos paulista e carioca. SERAPIÃO (2003) comenta que o “partido introspectivo”, talvez influência de arquitetos italianos em São Paulo, é uma solução presente em diversos projetos paulistas de 1950 a 1970, destacando Oswaldo Bratke, Rino Levi, Giancarlo Palanti e Daniele Calabi. No Rio de Janeiro, pode ser mencionado o projeto da “Casa sem dono” (1932-36) de Lúcio Costa e ainda, a casa de Carmen Portinho (1950-52), de Afonso Reidy.

Exemplo de *casa-paisaje* pode ser citada a casa Canoas (1953) de Niemeyer, em que a casa e a piscina se desenvolvem em torno de uma grande rocha. Também pode ser citada a casa de vidro de Lina Bo Bardi (1949-51), onde: “O andar superior é vazado, aproveitando uma árvore original do terreno e constituindo um pátio interno que funciona, igualmente, como separação do setor íntimo daquele de serviço” (CAVALCANTI, 2001, p.167).

1.1.2. Aspectos ordenativos e tecnológicos

Relação interior e exterior

De modo geral, na casa modernista brasileira evidencia-se uma certa ambigüidade ou continuidade entre interior e exterior, sendo diluída por elementos intermediários como pátios, terraços, varandas e pérgolas. Para alguns, essas soluções são articulações do vocabulário modernista com as necessidades climáticas locais. No entanto, segundo

VERÍSSIMO e BITTAR (1999), é nesse contexto que surge o ar condicionado, contrabalançando o aquecimento proveniente da excessiva exposição aos raios solares, já que suas grandes esquadrias nem sempre consideravam os padrões corretos de orientação.

Assim, importa investigar a presença e o controle da luz e da ventilação, bem como a estratégia usada para definir a “delimitação” dos espaços interiores e exteriores – vegetação, pavimentação, elevações no terreno, muros e cercamentos (altura e material) (CAMBI, CRISTINA, STEINER, 1981)

Vedação e estrutura – elementos de arquitetura

O avanço tecnológico do século XIX permitiu que a estrutura passasse a ser pensada como elemento de arquitetura, rompendo o papel de “fundo” da composição, como parede auto-portante. Maior expressão é dada à superfície murada, que passa a fazer o papel de “figura” compositiva. No mesmo sentido, o jogo de cheios e vazios entre estrutura e fechamento translúcido procura exaltar o papel do pilar: “As peças do novo envoltório edificado, individualmente e em suas relações, falarão a partir de agora da construção verdadeira, não da tectonicidade simbólica; deixarão claro como o edifício é sustentado e como é montado” (MARTINEZ, 2000, p.135).

É a partir dessa discussão que ganha significação os cinco pontos da nova arquitetura de Le Corbusier, como a planta livre, o pilotis, a fachada livre, as janelas contínuas. Estas últimas, padronizadas e repetitivas, são dispostas através de uma ordem que muitas vezes enfatiza a caixa murada. Uso de forma curvilínea ou orgânica limita-se a elementos isolados: reservatórios de água, paredes em forma de "S", piscinas em forma de ameba.

Além dos componentes estruturais, Comas observa na arquitetura brasileira a ampliação do repertório de elementos de arquitetura, como janelas, para-sóis, gelosias e telhados em “asa de borboleta”. Podem ilustrar os telhados em asa de borboleta: a Casa do Arquiteto (1949), de Artigas; a casa de Oswald de Andrade (1939), de Niemeyer e ainda a casa de Jadir de Souza (1952), de Bernardes.

Também merece menção o fato de que os arquitetos brasileiros sempre misturaram ao concreto materiais e técnicas tradicionais. Fenômeno correlato é observado na Finlândia, quando Alvar Aalto utiliza materiais não industrializados, como tijolo e madeira, em suas casas (Heisinki, 1934-36; Noormorkku, 1937-38) ou ainda, nos Estados Unidos, quando Wright (Bear Run, 1934-37) e Neutra (Kaufmann, 1946) exploram materiais naturais.

É neste contexto de interpretação local ao Movimento Moderno (COMAS e ADRIÀ, 2003 e BRUAND, 1991) que se observa o concreto aparente junto à pedra e aos panos de vidro nas obras de Levy, Artigas e Bernardes. Ou ainda, o reboco liso branco associado a gelosias de madeira e o uso da telha de barro sobre laje de concreto nas obras de Lúcio Costa.

2. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR CAXIENSE: 1910 - 1970

Em se tratando do programa residencial, uma rápida contextualização torna-se necessária, uma vez que seus componentes, quase sempre, sofrem uma transformação muito lenta (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999).

2.1. A casa urbana da imigração italiana e sua transformação

No contexto caxiense, pode-se afirmar que o início do processo de modernização urbana começa na década de 10, com a chegada da estrada de ferro e da energia elétrica. No entanto, do ponto de vista arquitetônico, é na década de 20 que esse fenômeno passa ser observado, principalmente, com os parâmetros organizativos e ordenativos do novo Código de Posturas.

A nova edificação deveria respeitar recuos frontais, laterais e de esquina, obedecendo ainda parâmetros de habitabilidade - dimensionamento, aeração e iluminação dos ambientes. Os porões e sótãos são assumidos como espaços habitáveis, com a definição da altura de pé-direito e usos. Do ponto de vista tecnológico, a lei obrigava a construção de edifícios em tijolos em vários setores da cidade, em substituição aos antigos de madeira (COSTA, 2001).

Observa-se que o uso do tijolo permitiu, gradativamente, a inclusão dos espaços da cozinha e do banheiro no corpo principal da casa. A cozinha, até então desvinculada desse corpo devido ao perigo de incêndio e às inconveniências da fumaça e sujeira do fogão a lenha (BERTUSSI, 1987; POSENATO, 1983), configurava um espaço grande, onde as funções de estar se misturavam. Já a configuração do banheiro como uma *casinha* separada do corpo da casa, também ocorria pela incompatibilidade entre a água e a madeira. Processualmente, esse espaço passou a agregar-se, como um pequeno anexo em alvenaria, à varanda de acesso de serviço ou à própria cozinha. Só mais tarde passou a integrar o próprio corpo da casa.

A lei definiu ou reafirmou aspectos, ainda hoje, importantes para a cultura de morar dos descendentes de italianos que aqui chegaram, como a grande dimensão da casa e a sua disposição em dois andares, onde um “porão” acolhe o setor de serviços (depósitos, adegas, banheiros, cozinhas...). Com o tempo, esse porão passou a acolher também a garagem da casa e os equipamentos das novas áreas de serviço, até então localizada no pátio e resumidas em uma pequena área cimentada com tanque e varal. Os sótãos, quando existentes, serviam de depósito ou dormitório para os meninos.

Essas casas urbanas não possuíam um zoneamento eficiente e, assim como em inúmeros exemplos brasileiros, o quarto principal localizava-se na parte da frente da casa, junto à sala principal. Essa disposição fez com que a sala assumisse a função de circulação entre os dormitórios e os demais ambientes, dificultando seu bom funcionamento (Veríssimo e Bittar, 1999).

Quanto aos aspectos ordenativos, Costa observa que as edificações da década de 20 possuem uma linguagem eclética, influência provável das trocas culturais da vinda da estrada de ferro e da atuação de arquitetos estrangeiros (COSTA e GUARESI, 2003). Com a crise de 30, ensaia-se uma racionalização construtiva, eliminando adornos e propondo uma simplificação volumétrica, onde o cheio ainda prevalece sobre o vazio. Essa linguagem, condicionada pela falta de domínio tecnológico do concreto armado, terá reflexos durante toda a década de 40, mesmo que o edifício ganhe uma nova roupagem estilística.

3. RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR MODERNISTA CAXIENSE

Segundo MARIN (2004), a maioria das casas modernistas caxienses, à maneira das grandes metrópoles européias ou norte-americanas, estava geralmente localizada no “subúrbio” ou periferia da cidade, próxima a áreas verdes. Em Caxias tem-se o bairro Exposição, localizado próximo ao parque Getúlio Vargas, o bairro Nossa Senhora de Lourdes nas proximidades do parque da Imprensa e o bairro São Pelegrino, junto ao parque Cinquentenário. Os lotes apresentavam grandes dimensões, o que permitia recuos laterais e melhor aeração e insolação.

Se analisadas do ponto de vista organizativo - princípios compositivos; relação da edificação com o lote e volumetria (cobertura e número de pavimentos) - observa-se a existência de três modelos distintos. O modelo A (fig.1), traduz edificações térreas, arrematadas por

platibandas, onde o zoneamento tende a ser explicitado nos volumes da composição aditiva, principalmente quando em lotes de grandes dimensões e de esquina.

<p>Casa Alcides Fabris</p> 	<p>Casa Alberto Coradi</p> 		
<p>Casa Cândida Scariot</p> 	<p>Casa Leo Geremia</p> 	<p>Casa Odone Gobatto</p> 	<p>Casa Benedictis</p> 

Figura 2- Residências – Modelo B1
Fonte: MARIN. 2004

<p>Casa Ottavio Pettenatti</p> 	<p>Casa Raul Fedrizzi</p> 	<p>Casa Ladir Storchi</p> 
<p>Casa Danilo Callegari</p> 	<p>Casa Norberto Tonietto</p> 	

Um segundo modelo, B, caracteriza-se pela composição subtrativa, podendo ocorrer tanto em casas térreas como de dois pavimentos. São casas em que as salas de jantar são articuladoras do zoneamento da casa, estando o corredor do setor íntimo perpendicular ou paralelo a ela. Neste modelo, é possível fazer uma sub-divisão tipológica: aqueles em que o telhado é aparente ou arrematado por uma pequena platibanda (Modelo B1 – fig. 2) e aqueles em que se observa o telhado em quatro águas escondido por platibanda (Modelo B2 – fig. 3) Independente da situação do lote em que é implantado (meio de quadra ou esquina), a relação do edifício x lote é rígida, obedecendo ao aspecto compacto da volumetria geral.

Num terceiro Modelo (Modelo C – fig. 4), destaca-se a composição subtrativa, com a escada adotada como elemento distribuidor dos ambientes. São casas em dois pavimentos, que começam a usar o pilotis e o telhado “asa de borboleta”.



Figura 4
Residências – Modelo C
Fonte: MARIN, 2004

Quanto aos aspectos ordenativos, isto é, o modo como volumes, cores e texturas são arranjados, pode-se afirmar que elementos de arquitetura do vocabulário modernista foram gradativamente incorporados, principalmente no que se refere aos Modelos A, B1 e C. As residências do Modelo B2 são aquelas em que o vocabulário é incorporado ainda timidamente, mantendo aspectos de uma proporção volumétrica muito próximos da residência da década de 30, caracterizando uma tipologia de transição.

Em todos os modelos observa-se o uso da pedra basalto com seus diversos talhes, bem como painéis em madeira e de tijolos aparentes, tal como ocorria na arquitetura tradicional local. Este fato pode ser interpretado como uma adaptação modernista à realidade local. No entanto, é mais fácil observar que a arquitetura de inflexão organicista, com texturas de diversos materiais compostas em planos sucessivos, vinha ao encontro do gosto local.

Tecnologicamente, o uso do concreto armado permitiu que o antigo aspecto pesado da arquitetura da colonização italiana, observado no modelo B2, fosse gradativamente substituído por composições em que o vazio prevalece sobre o cheio. É também o uso do concreto que permitiu a eliminação gradativa das grandes coberturas, observando-se a marcação de uma horizontalidade definida pela platibanda e pelas vigas de cintamento.

ENFIM, SOMOS MODERNOS

Se analisados os três modelos encontrados, pode-se afirmar que a cultura de morar modernista foi sendo incorporada processualmente, não caracterizando um fenômeno unânime ou de ruptura. Nem por isso se configura em um processo menor, pois possibilitou a incorporação de novos valores culturais e estéticos.

As casas analisadas são grandes, como as citadas por Comas e Adrià, em que os conceitos de zoneamento começam a se consolidar. Os setores social, íntimo e de serviços estão claramente configurados. No setor *social*, salas de grandes dimensões integram estar, jantar e, às vezes, sala de TV. Plantas livres são interrompidas por paredes-biombos e lareiras, que ajudam a organizar o espaço e grandes janelas e portas abrem-se para a rua, para pátios consolidados no fundo dos lotes ou para pátios internos, como na casa Tonietto. Como afirmado anteriormente, salas de jantar ou copas passam a articular os diversos setores, principalmente o setor de serviços. Por vezes, a escada cumpre essa função articuladora. O gabinete, quando existe, é próximo ao acesso principal, ou hall de distribuição. No entanto, não é uma solução adotada com frequência, assim como o lavabo.

As cozinhas, espaços tão importantes na casa tradicional italiana como espaço social, tornam-se visivelmente reduzidas, limitando-se à função de serviço e simplificando o trabalho doméstico. Contudo, diferente do fenômeno brasileiro, o modelo americano de integração cozinha e estar não se consolida em Caxias do Sul. Por vezes no setor de serviços aparece um quarto de costuras, podendo ser também um quarto de empregada. Observa-se que as dependências de empregada não são comuns na casa caxiense, talvez por não ter existido aqui uma cultura escravagista. A garagem manteve-se no antigo porão, devido às condições topográficas caxienses favorecerem essa solução ou porque é adotada como um esquema culturalmente aceito. Do universo pesquisado, somente a casa Coradi adota a garagem da parte frontal, condicionando a solução de todo o projeto.

No setor *íntimo* o grande de número quartos, destinados a cada habitante de uma família ainda numerosa, contempla o conceito de privacidade, tão caro ao modernismo (FOLZ, 2003). Sem sacrificar esse conceito, o quarto do casal mantém-se na parte frontal da casa, como na casa tradicional, merecendo menção a casa de Francisco Stedile, em que o zoneamento é fragmentado para contemplar esse aspecto. Junto ao quarto do casal, um novo banheiro consolida o uso da suíte em quase todas as residências estudadas.

Assim, do ponto de vista cultural, a casa modernista caxiense apresenta especificidades. Não se trata de grandes rupturas ou inversões no modo estabelecido de zonear, como pode ser observado em alguns notáveis exemplos brasileiros. Longe das experiências de Reidy, o setor de serviços caxiense sempre esteve no fundo do terreno e, diferente das experiências de Bernardes e Niemeyer, o setor íntimo permaneceu no segundo pavimento.

Como inúmeras experiências residenciais brasileiras, são casas em que o conceito de *continuidade* é incorporado no setor social, como imagem de modernidade, sendo mantida a *compartimentação* do setor íntimo. Já as experiências de continuidade vertical, através de mezaninos, como nas casas de Niemeyer, não são assimiladas (MARTINEZ, 2000, 173).

Merece menção o fato de que as composições aditivas também não terão boa aceitação no contexto caxiense, talvez decorrência da configuração compacta da casa tradicional caxiense ou decorrência do condicionamento das dimensões dos lotes. Via de regra o volume resultante é um prisma retangular que respeita os recuos frontais e laterais.

A disposição dos ambientes ao longo do eixo longitudinal do prisma retangular e de modo “espelhado” garante a iluminação e ventilação de todos os ambientes. No setor social, esse

espelhamento do jantar e estar permite aberturas bilaterais, ampliando a sensação da relação interior-externo. Normalmente, essas aberturas são grandes e se abrem para terraços ou varandas protegidas por pérgolas, a exemplo do que ocorre no caso brasileiro. Aqui merece menção as casas de Cândida Scariot e Ottavio Pettenatti.

Portanto, não se tratam nem da *casa cerrada*, *casa abierta* ou *casa paisaje* propostas por COMAS e ADRIÀ (2003). Em caráter de excepcionalidade, merece menção a solução do modesto pátio da casa Tonetto, com seu aspecto “introspectivo”, ou a casa Coradi, que configura um pátio que separa os setores de serviço e Íntimo, como na casa de Lina Bo Bardi. Ainda digna de nota, a solução de casa aberta da Família Fabris (Fig. 5), sobrepondo-se aos condicionantes topográficos e explorando os limites do terreno através de uma geometria centrífuga, como na de George Hime, projetada por Henrique Mindlin. O uso dos pilotis no contexto caxiense será tímido, acontecendo normalmente em parte do pavimento inferior, soltando levemente do terreno o velho porão, como nas casas Fedrizzi, Menegat e Stedile. Neste universo, merece menção a casa Tomé, onde o pilotis é incorporado de modo explícito.



Figura 5: Casa Fabris
Fonte: dos autores

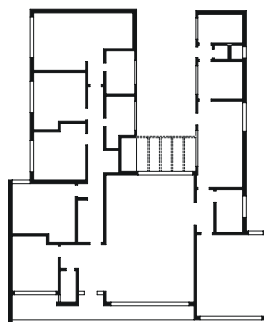


Figura 6: Casa Coradi
Fonte: MARIN, 2004

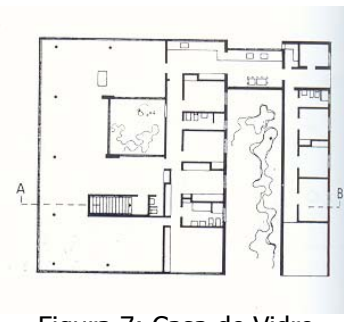


Figura 7: Casa de Vidro
Lina Bo Bardi
Fonte: MARIN, 2004

Quanto aos aspectos tecnológicos, conforme discutido anteriormente, há uma mistura do concreto com materiais tradicionais. A pedra aparece nos embasamentos, conforme o modo tradicional de construir os porões e alicerces, ou ainda, em elementos de arquitetura explorados esteticamente – painéis, biombos, lareiras, como na casa Pettenatti (fig. 8), remetendo à casa da Cascata de Wright (fig. 9).



Figura 8: Casa Pettenatti
Fonte: dos autores



Figura 9: Casa da Cascata.
Frank L. Wright
Fonte: MARIN, 2004

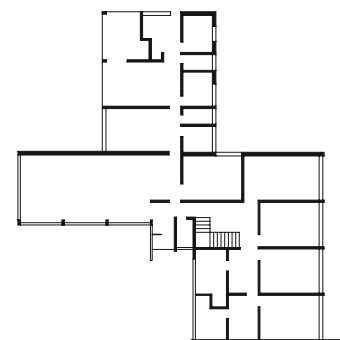


Figura 10: Casa Fabris
Fonte: MARIN, 2004

Já o concreto, de modo geral, ocorre associado à alvenaria estrutural, eliminando o sistema estrutural racional viga-pilar e minimizando o efeito dos componentes estruturais como “figuras compositivas” (MARTINEZ, 2000). Poucas são as casas em que se percebe uma modulação condicionada pelo sistema estrutural, parte se deve às dificuldades dimensionais impostas pelo programa residencial, parte pela falta de domínio projetivo usando a nova tecnologia. Outra vez a casa Fabris aparece como uma exceção. Trata-se de uma composição aditiva em que cada bloco é projetado segundo uma rigorosa modulação (fig. 10). No bloco íntimo, a modulação explicita-se externamente no jogo de parede-estrutura x abertura, disposta de extremo a extremo. No setor social, a modulação estrutural ganha vigor com o fechamento em vidro, configurado a casa caxiense mais próxima das referências de Mies van der Rohe.

No entanto, o uso do concreto permitiu a incorporação de alguns importantes elementos de arquitetura, como, por exemplo, a laje de cobertura. De modo geral, a laje projeta-se para além dos limites do volume edificado, configurando um pequeno beiral, arrematado por uma platibanda que enfatiza a horizontalidade da composição. Esse aspecto de plano que arremata o conjunto, por vezes, é enfatizado pela disposição da viga de cintamento levemente recuada em relação ao plano da parede ou pelo seu tratamento cromático, como se observa nas casas Tonietto e Storchi. As casas Menegat, Tomé e Stedile destacam-se pelo uso da laje inclinada, como nos telhados “asa de borboleta”. São lajes que também se lançam além do volume edificado, a exemplo da casa de Artigas, em São Paulo.

Não se sabe se o uso do telhado de barro junto à laje de cobertura decorre de dificuldades tecnológicas ou intenção estética. Trata-se de projetos cujo arranjo retangular da planta resulta, no sentido transversal, em grandes dimensões, condicionando pontos de cobertura bastante elevados. Por outro lado, há nessas casas um gosto *wrightiniano*, onde o caráter residencial é enfatizado pelo próprio telhado.

As janelas, como grandes peles da fachada livre, são outros elementos de composição viabilizados pelo uso do concreto. Abrem as salas para a rua, aceitando os inconvenientes da falta de privacidade, como nas casas Scariot, Stedile, Menegat, Coradi e Callegari. Por vezes, vão estar associadas a venezianas e painéis, como nas casas Tonietto, Storchi, Fedrizzi, Pettenatti e Gobatto, talvez estratégia para garantir critérios de segurança, conforto térmico e privacidade e/ou uma interpretação da tradicional janela das antigas casas que associavam à caixilharia de vidro um tampão de madeira. Merece menção o desenho refinado das aberturas da casa Tonietto e da casa Menegat.

Assim, em seu conjunto, pode-se afirmar que as casas modernistas caxienses, pelos seus aspectos configurativos, ordenativos e tecnológicos, retratam o universo modernista de morar. Não se tratam de obras de excepcionalidade arquitetônica, mas introduzem, de modo gradativo, novos valores, como: zoneamento, circulação eficiente, relação interior-exterior, racionalização construtiva – que hoje estão incorporados “naturalmente” ao universo residencial.

Alguns exemplares, como a casa Fabris, a casa Tonieto e a casa Petenatti, merecem maior atenção do ponto de vista patrimonial, pois contextualmente, evidenciam maiores inovações à casa tradicional caxiense e um rigor projetual significativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BERTUSSI, P. I. Elementos da arquitetura da imigração italiana. In: Weimer, G.(Org.). **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987
- CAMBI, Enrico; CRISTINA, Benedetto di; STEINER, Giovanna Balzanetti. **Tipologia residenziali com pátio**. Milano: BE-MA Editrice, 1981
- CAVACALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era Moderno: guia de arquitetura 1928-1960**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias e ADRIÀ, Miguel. **La Casa Latinoamericana Moderna – 20 paradigmas de mediados de siglo XX**. México: Gustavo Gilli, 2003.
- COSTA, Ana Elísia da. **Evolução da Arquitetura Industrial em Caxias do Sul: 1880-1950**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – PROPAR, 2001 (dissertação de mestrado).
- COSTA, Ana Elísia da; CIDADE, Daniela Mendes; MORAES, Erinton Aver. Inventário da arquitetura modernista na Serra Gaúcha. In **Revista Agora**, Santa Cruz do Sul, v.8, n.1 e 2, p.265-276, 2003.
- _____, Ana Elísia; GUARESI, Sayonara. Sílvio Toigo: um arquiteto modernista em Caxias do Sul? In: **Revista Agora**, Santa Cruz do Sul, v.8, n.1 e 2, p.183 – 192, 2003.
- FOLZ, Rosana Rita. **Mobiliário na habitação popular**. Discussões de alternativas para melhoria da habitabilidade. São Carlos: RiMa, 2003.
- GONSALES, Célia Helena Castro. **Residência e cidade - arquiteto Rino Levi**. São Paulo: Vitruvius, 2001. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp050.asp>.
- LEMONS, Carlos. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996
- LOURENÇO, Maria Cecília F. **Operários da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1995.
- MAHFUZ, Edson da Cunha. **Ensaio Sobre a Razão Compositiva**. Viçosa: UFV; Belo Horizonte: Al Cultural, 1995.
- MARIN, Patrícia. **A experiência modernista na arquitetura residencial unifamiliar de Caxias do Sul**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul – Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2004. (Monografia da Disciplina Laboratório de Arquitetura e Urbanismo)
- MARTINEZ, A. C. **Ensaio sobre o projeto**. Brasília: Editora UNB, 2000.
- PAIVA, E. et. al. **Caxias do Sul: Plano Diretor**. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, 1953.

POZENATO, J. **Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : EST /EDUCS, 1983.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

SERAPIÃO, Fernando. **Paralelos (e transversais) na história da casa paulista**. São Paulo: Arcoweb, 2003. Disponível em: <http://www.arcoweb.com.br>

SOLÁ-MORALES, Ignasio. de. *Presente y Futuro: Arquitectura en Las Ciudades*. In: SOLÁ-MORALES, I. de e COSTA, X.(DIR). **Presente y Futuro: Arquitectura en Las Ciudades**. Barcelona: Col·legi d'Arquitectes de Catalunya, 1996.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William S. M. **500 Anos da Casa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.